



O epitáfio para Camões em latim (1613)

Camonio epitaphium Latine compositum (anno MDCXIII)

SECÇÃO: TRADUÇÕES

Virgílio Catarino Dias

Investigador independente, Castelo Branco, Portugal

 vircadias@gmail.com

Recebido em: 3 ago. 2026.

Aprovado em: 10 ago. 2026.

Publicado em: 19 set. 2026.

Citação recomendada:

DIAS, Virgílio Catarino (2026) O epitáfio para Camões em latim (1613), *Revista de Estudos Camonianos* 2, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 87-90. <https://camonianos.pt/numero-2-2026>. ISSN: 3134-7223.

Resumo: Após morrer em extrema pobreza em 1579, ou 1580, e ser enterrado anonimamente numa vala comum, Luís de Camões teve os seus prováveis restos mortais trasladados em 1595 para o interior da Igreja de Sant'Ana por iniciativa de D. Gonçalo Coutinho, que mandou colocar uma campa com um célebre epitáfio em sua homenagem. A este epitáfio somou-se mais tarde um segundo texto em latim, custeado por D. Martim Gonçalves da Câmara. Contudo, essas memórias epigráficas acabaram por ser destruídas no terremoto de 1755.

Palavras-chave: Camões, epitáfio, latim, D. Gonçalo Coutinho, D. Martim Gonçalves da Câmara.

Summarium: *Luis de Camões, anno MDLXXIX vel MDLXXX summa in paupertate mortuus atque sine nomine in sepulcro communi humatus, anno MDLXXXV — iubente Domino Gonçalo Coutinho, qui etiam lapidem sepulchralem insigni inscriptione praeditum curaverat — in Ecclesiam Sanctae Annae translatus est; reliquiae eius verisimiles illuc perlatae sunt. Alius textus Latinus, a Domino Martim Gonçalves da Câmara curatus, postea huic inscriptioni additus est; hi tamen lapides inscripti terrae motu anni MDCCLV deleti sunt.*

Vocabula indicativa: *Camões, epitaphium, Latine, Dominus Gonçalo Coutinho, Dominus Martim Gonçalves da Câmara.*

Nota editorial: O título, resumo e palavras-chave são apresentados em português e em latim.

Editor: Rede Camões na Ásia & África.



ACESSO LIVRE

Todos os materiais da *R.E.C.* são distribuídos em acesso aberto, segundo a licença CC BY-NC-ND (Atribuição-NãoComercial-SemDerivações) que permite baixar e partilhar os ficheiros, sem modificações e sem fins comerciais.



Luís de Camões, depois da sua morte

Luís de Camões morreu em 10 de junho de 1580 (ou 1579), possivelmente no hospital da Ordem dos Frades Menores (Capuchos) de que fazia parte Frei José Índio que o assistiu na hora da morte.

Foi enterrado no adro da Igreja de Santa Ana, à esquerda da entrada principal, em vala *sem letreiro, ou campa alguma, que mostrasse o lugar de sua sepultura* (Faria 1624:128v).

Em 1595, depois de um longo silêncio de 15 anos, um fidalgo e homem de letras, D. Gonçalo Coutinho (ca. 1560-1634), sensibilizado pela miséria da vida e pelo modo como estava enterrado o poeta maior da língua portuguesa, tomou a seu cargo recuperar a sua memória, fazendo trasladar os seus prováveis restos mortais da campa rasa, no adro da Igreja de Santa Ana, para o interior da mesma igreja. Sobre essa digna sepultura mandou D. Gonçalo colocar uma campa de mármore e nela fez gravar o epitáfio seguinte:

O primeiro epitáfio

AQVI JAZ LVIS DE CAMOËS, PRINCIPE DOS POETAS DE SEV TEMPO.
VIVEO POBRE & MISERAVELMENTE, & ASSI MORREO, ANNO DE 1579.
ESTA CAMPA LHE MANDOV AQVI PÔR DOM GONÇALLO COVTINHO.
NA QVAL SE NÃO ENTERRARÂ PESSOA ALGÛA.

A existência deste primeiro epitáfio foi noticiada pelo Padre Pedro de Mariz, na biografia de Luís de Camões (a primeira que se conhece), inserta na edição de *Os Lusíadas* de 1613, comentada pelo Padre Manuel Correia (Camões 1613).

Sabemos que foi gravada, algum tempo depois, na mesma campa (ou noutra de maior dimensão), um segundo epitáfio, em latim, às custas de D. Martim Gonçalves da Câmara, depois de autorizado por D. Gonçalo Coutinho.

A data exata deste segundo epitáfio, desconhecida, será, muito provavelmente, anterior a 1613, que foi o ano da morte de D. Martim — mas só temos conhecimento da sua existência em 1616, na edição da *Segunda parte das Rimas*, curada não já por Pedro de Mariz, que morreu em 1615, mas pelo editor Domingos Fernandes, mercador de livros, que também custeara *Os Lusíadas* de 1613 (Camões 1616). O autor do texto deste segundo epitáfio em latim, que aqui traduzimos em versão livre, foi um professor de humanidades da Universidade de Évora, o jesuíta Padre Mateus Cardoso.

O segundo epitáfio

Por encomenda de D. Martim Gonçalves da Câmara ao P. Mateus Cardoso S.J. da Univ. de Évora, gravado na campa de Luís de Camões na Igreja de Santa Ana:

NASO ELEGIS FLACCVS LYRICIS EPIGRAMMATE MARCVS
HIC IACET, HEROO CARMINE, VIRGILIUS

Sob esta lápide jaz um outro Ovídio, pelas suas elegias; um novo Horácio, pelas suas odes; outro Marcial, pelos seus epigramas; e, pela excelência do seu poema heroico, um segundo Virgílio.

ENSE SIMVL, CALAMOQVE AVXIT TIBI LYSIA FAMAM

VNAM NOBILITANT MARS, & APOLLO MANVM

Com a espada e, ao mesmo tempo, com o seu poema, aumentou Camões, ó Portugal, a tua fama. Marte e Apolo enobreceram as tarefas guerreiras e literárias dele.

CASTALIVM FONTEM TRAXIT MODVLAMINE AT INDO
ET GANGI TELIS OBSTVPEFECIT AQVAS

Pela harmonia dos seus versos recriou a fonte Castália; com os seus dardos encheu de medo as águas dos rios Indo e Ganges.

INDIA MIRATA EST QVANDO AVREA CARMINA LVCRVM
INGENII, HAVD GAZAS EX ORIENTE TVLIT

Toda a Índia se admirou quando ele do Oriente trouxe áureos versos como fruto do seu talento, mas não riquezas.

SIC BENE DE PATRIA MERVIT DVM FVLMINAT ENSE
AT PLVS DVM CALAMO BELLICA FACTA REFERT

Serviu com mérito a sua pátria, fulminando os inimigos com a sua espada; mérito ainda maior alcançou quando, pelo seu poema, revelou ao mundo os feitos heroicos dos portugueses.

HVNC ITALI, GALLI, HISPANI VERTERE POETAM
QVÆLIBET HVNC VELLET TERRA VOCARE SVVM

Italianos, franceses e espanhóis fazem traduções do seu poema, e qualquer povo desejaria tê-lo como seu conterrâneo.

VERTERE FAS, ÆQVARE NEFAS, ÆQVABILIS VNI
EST SIBI PAR NEMO, NEMO SECVNDVS ERIT.

Louvável é traduzi-lo, mas é impossível igualá-lo; só a si próprio ele se iguala. Ninguém lhe é par; ninguém será, alguma vez, um segundo Camões.

Conclusão

A criação destes dois epitáfios resulta de antigas amizades dos seus autores com o Poeta: D. Gonçalo Coutinho fazia parte de uma família que, há muito, mantinha amizade com Luís de Camões, pois era primo de D. Francisco Coutinho, que foi governador da Índia de 1561 a 1564. Foi este governante que atribuiu a Luís de Camões, em 1562, o único emprego da sua vida: provedor dos defuntos e ausentes, em Macau. Fez ainda parte desta família um outro Coutinho, Álvaro Fernandes Coutinho, o Magriço do episódio dos Doze Pares de Inglaterra (*OLI*.12 e *VI*.42-69).

D. Martim Gonçalves da Câmara, homem de grande cultura (jesuíta e antigo reitor da universidade de Coimbra), terá sido o único que acudiu à pobreza extrema em que vivia em Lisboa Luís de Camões. Como escrivão de puridade do rei D. Sebastião (cargo equivalente ao de Presidente do Ministério), só ele tinha poder para atribuir ao Poeta, em 12 de março de 1572 (dia em que o Poema foi publicado) a tença anual de 15.000 reis de que beneficiou o Poeta e, depois de sua morte, também a sua mãe. Foi uma tença generosa — mas era dinheiro do Reino. E D. Martim quis, a seu próprio custo, prestar a Luís de Camões uma homenagem que perdurasse pelos séculos. Para isso pediu a D. Gonçalo Coutinho

que lhe permitisse juntar ao epitáfio por este mandado gravar na pedra tumular do Poeta, um outro, em latim, língua universal no mundo culto.

Estas memórias epigráficas acabaram por desaparecer quando a Igreja de Sant'Ana foi totalmente destruída pelo terremoto de 1755.

Referências

- CAMÕES, Luís de (1613) *Os Lusíadas do Grande Luis de Camoens. Príncipe da poesia heroica*. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Eluas. Dedicados ao Doctor D. Rodrigo d'Acunha, Inquisidor Apostolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandez seu Liureyro. Com licença do S. Officio, Ordinario, y Paço. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613. Está taxado este liuro em 320 reis em papel.
- CAMÕES, Luís de (1616) *Rimas de Luis de Camoês, segunda parte*. Agora nouamente impressas com duas Comedias do Autor. Com dous Epitafios feitos a sua Sepultura, que mandarão fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gonçaluez da Camara. E hum Prologo em que conta a vida do Author, Dedicado ao Illustrissimo, & Reverendissimo senhor D. Rodrigo d'Acunha, Bispo de Portalegre, & do Conselho de sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Na Officina de Pedro Crasbeeck. 1616. A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros. Está taixado a testão em papel. Com Priuilegio Real.
- FARIA, Manoel Severim de (1624) *Discursos varios políticos*, por M. S. de F. Chantre, & Conego na Santa Sê de Euora. Com as licenças necessarias. Em Evora impressos por Manoel Carvalho, Impressor da Vniuersidade. Anno 1624.